

ALMA NOVA

REVISTA DE RESSURGIMENTO NACIONAL



DIRECTOR LITERÁRIO
MATEUS MORENO
(GERENTE)

• ALMA •
NOVA
PUBLICAÇÃO MENSAL

DIRECTOR ARTÍSTICO
J. Saavedra Machado
Secretário: Teófilo Junior

SECÇÕES: «Agricultura, Comércio e Indústrias», F. de Miranda Barbosa; «Colónias», J. Gonçalo Santa Rita; «Crónica Financeira», Francisco Machado; «Letras», J. Guerreiro Murta; «Página Feminina», M. A. e M. K.; «Pedagogia», Teófilo Junior; «Sciencia e Filosofia», Newton de Macedo; «Scienças históricas-Naturais», Ascensão Mendonça; «Sports e Educação Física», A. E.; «Teatros», Oldemiro Cesar e Rodrigues Cósme. ARTE: «Pintura», Martinho da Fonseca e Eduardo Romero; «Escultura», Maximiano Alves; «Arquitectura», Jorge Segurado; «Caricatura», Francisco Valença. REPRESENTANTES: Alemtejo, Picão Telo e Teófilo Junior; Algarve, Pedro Júdice e Samória Barros; Coimbra, Nuno Cruz; Figueira da Foz, José Brandão; Minho, Cláudio Basto; Porto, Álvaro de Moraes; Vila Real, X; Açores, Braga Paixão e Rebelo de Betencourt; ESPANHA, Rogério Buendia; Paris, Nuno Valença; Liége, J. Cravo; New York, Z.

CONDIÇÕES D'ASSINATURA (PAGAMENTO ADIANTADO): Portugal e Ilhas, Trimestre 3\$00, Semestre 5\$50, Ano 10\$00; Colónias e Espanha (só assinaturas anuais), 12\$50; Restantes países (idem) 15\$00.
OS PEDIDOS DE ASSINATURA DEVEM SER ACOMPANHADOS DA IMPORTÂNCIA

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DA EMPRESA DE PUBLICIDADE «RESSURGIMENTO». ESCRITÓRIO: CALÇADA DE JOÃO DO RIO, 8, 1.º (A' POLITÉCNICA) — LISBOA

• TODA A CORRESPONDENCIA AO DIRECTOR-GERENTE •

SUMÁRIO

III.ª SÉRIE - ABRIL DE 1922 - N.º 1

| | |
|--|--------|
| «Arco do Carrasco» (Obidos), quadro de Martinho da Fonseca..... | pag. 1 |
| «Palavras de Abertura», OS DIRECTORES | " 2 |
| «Romagens d'Arte»: No Museu de Arte Contemporânea e no «Atelier» de Columbano.. | " 3 |
| LETRAS: O meu programa. O Estilo do Sr. Conde de Sabugosa, por J. Guerreiro Murta. | " 5 |
| «D. Ramón María Tenreiro», por Fidelino de Figueiredo | " 7 |
| OS NOSSOS POETAS: «Soberania Máxima», soneto de Cruz Magalhães | " 8 |
| «Açores», por Braga Paixão | " 9 |
| «Colónias», por J. Gonçalo Santa Rita | " 10 |
| ARTE: Secção de Pintura, Arquitectura e Caricatura, programas por Martinho da Fonseca e Eduardo Romero, Jorge Segurado e Francisco Valença | " 11 |
| MIGALHAS HISTÓRICAS, «Vila Nova de Portimão», por P. M. Laranjo Coelho | " 12 |
| «Arquitectura Portuguesa»: Casal da Paz (Para Sintra), projecto de Vasco de Moraes Palmeiro (Regaleira) | " 13 |
| «O Heroísmo Anônimo»: 9 d'Abri | " 14 |
| «Carta a uma Mulher Moderna», por J. Guerreiro Murta | " 15 |
| «Carta de Paris», por Nuno Valença | " 16 |
| «Presságios», soneto de Américo Durão | " 18 |
| «Caricatura», inédito de Rafael Bordalo Pinheiro | " 19 |
| «Página Feminina»: Modas, por M. A. e O bordado da Madeira, por M. K. | " 20 |

FRUTOS D'OUTONO, «HORS-TEXT» DE COLUMBANO — ILUSTRAÇÕES DE FRANCISCO VALENÇA, ISAURA CAVALHEIRO E SAAVEDRA MACHADO

• GRAVURAS DE LALLEMAND E PIRES MARINHO •

ÁSAS DE GLÓRIA

AOS NUBRES AVIADORES
 GAGO COUTINHO E SACADURA
 CABRAL, CUJOS NOMES IMOR-
 REDOÍROS SÃO DIGNA COMPA-
 NHIA, NA HISTÓRIA, DOS DE
 TODOS OS GIGANTES DE MAR
 DO SÉCULO DAS DESCOBERTAS.—
 ÁS SUAS FORMOSÍSSIMAS ALMAS DE GIGANTES
 DO AR.

«Ao largo! ao largo! á glória!»—E foi assim
 Que ela partiu, a lusa marujada,
 Quando naquele arranco de abalada
 Arremeteram quilhas ao Sem-Fim...

«Ao largo! ao largo!»—E ainda, e sempre assim,
 A mesma voz, cá dentro, inapagada,
 Como um clarão eterno de alvorada,
 Sempre a clamar, ranger—«para o Sem-Fim...»

Alma da Raça—ó Nautas de Outra Glória,
 Eu sinto que de novo a nossa história
 Em vós se eleva agora—sim, tal qual!—

E sob as frágeis ásas que vos libram.
 Em novo amanhecer, alteiam, vibram
 Todos os corações de Portugal!

MATEUS MORENO

PUBLICAÇÃO FUNDADA EM 1914

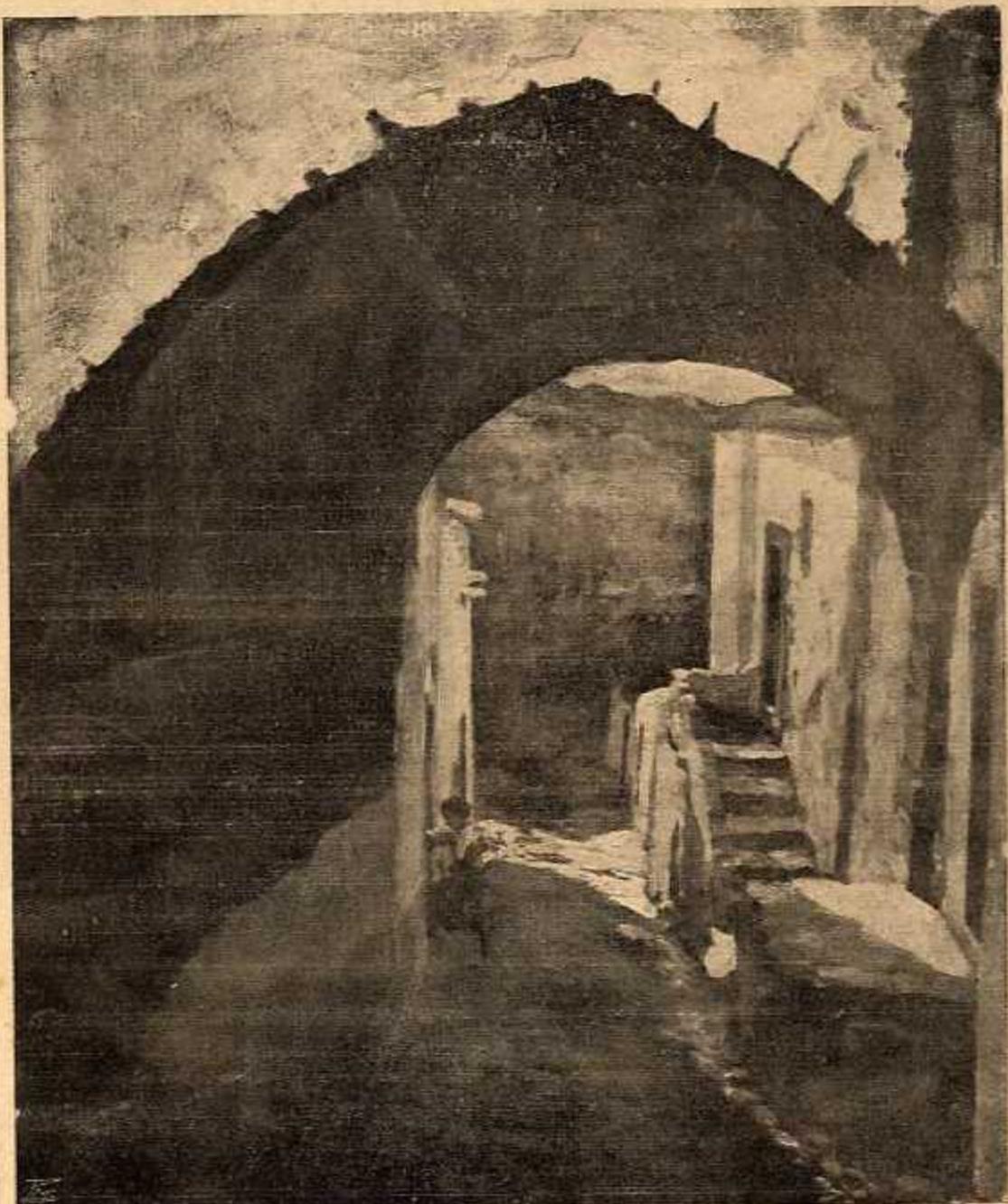
ALMA NOVA

REVISTA DE RESSURGIMENTO NACIONAL

NUMERO

LISBOA, ABRIL DE 1922

III.^a SÉRIE



ARCO DO CARRASCO (ÓBIDOS) POR MARTINHO DA FONSECA



PALAVRAS DE ABERTURA



A ARTE só poderá realizar amplamente a sua função educativa quando não pretendam submetê-la ao critério, geralmente restrito, dos organismos partidários.

Reocupando o nosso posto de Director Artístico da *Alma Nova*, não dispensámos, pois, a garantia de não manter esta publicação outros intitulos que não sejam sendo os que procurem contribuir dalguma forma para o engrandecimento da nossa terra e para a sua propaganda literária e artística.

Acendendo ao gentil convite do nosso velho amigo Mateus Moreira, não nos propomos de antemão elaborar complicados programas, nem apresentar soluções de vastos problemas artísticos, que muitas vezes a dolorosa experiência de certos factos se encarrega de dissipar como fumo. O que podemos, no entanto, assegurar desde já é que faremos a defesa e propaganda, quanto possível orientadas, da Arte Portuguesa, tornando conhecidas pela gravura as melhores obras dos nossos museus e galerias d'arte, assim como os nossos principais monumentos, exposições, etc., além do labor artístico dos contemporâneos, sem distinção de escolas.

Mais tarde trataremos pouco a pouco de assuntos que mais particularmente interessem à classe.

Para dirigirem as diferentes secções de especialidades artísticas, convidámos alguns artistas novos que se nos impõem, não só pelas obras já realizadas como pelas afirmações de carácter, sempre mantidas. A sua acção leal nas referidas secções, que ficam à sua responsabilidade e para as quais poderão lerar os elementos que julgarem necessários, é que fará o engrandecimento artístico da revista.

Na secção de Crítica contamos com a valiosa colaboração do ilustre professor da Escola de Belas Artes e Director do Instituto de Anatomia de Lisboa, Dr. Henrique de Vilhena.

Resta-nos acrescentar que será bem simples a nossa missão de dirigir, que muitos confundem, lamentavelmente, com a do mando. Dirigir, no nosso caso, não significa impor, comandar; significa reunir, acolher, irmanar vontades em torno de uma causa de Bem, como é a da Arte, respeitando em cada temperamento a sua noção da Liberdade e o seu modo especial de interpretar e de sentir.

Literariamente a *Alma Nova* procurará ser a confirmação do seu programa de Arte. Arte, bem entendido, no significado genérico de *Culto da Beleza*.

Como revista moderna, acompanhará em conjunto a evolução intelectual das novas gerações, eximindo-se, todavia, ao exagero de exotismo que possam desvirtuar a missão educativa que se impõe.

Será assim uma revista não sómente para os Iniciados, para os que já definiram a sua predilecção por esta ou aquela corrente, mas uma revista completamente ao alcance de todas as sensibilidades e até, se possível, de todas as inteligências. O que nas suas páginas se pretende ensinar, sobretudo, é a melhor conhecer e amar Portugal.

Em Ciência fará obra de simples divulgação. Deixando ás revistas das especialidades o aprofundarem os diversos assuntos, deles dará, no entanto, a suficiente matéria para uma ilustração mais do que geral.

Como na parte artística, as diferentes secções literárias foram confiadas a figuras novas de competência, que seria já suficientemente justificada pelas situações oficiais em que se encontram, se outras e inegáveis provas não houvesse também a documentá-la.

A *Alma Nova*, convém acentuar, não é orgão nem pertença de quaisquer grupos políticos, ou simplesmente doutrinários. Não tem sequer o exclusivo desta ou daquela região do país. Em cada Província, assim como nas Ilhas e Colónias, tem os seus representantes locais que zelarão pela respectiva defesa e propaganda, focando os principais aspectos intelectual e económico, auscultando as necessidades e tornando conhecidas belezas e costumes. Para acompanhar, cumulativamente, o movimento intelectual e artístico dos outros países, possue idênticas representações nas principais cidades do estrangeiro.

O primeiro número desta nova série, ou bem ou mal, ai vai. Os que vierem, pelo menos em nosso desejo, serão sempre — os melhores. E sê-lo-ão, creia-o o leitor, se nunca nos faltar aquele carinhoso incentivo em que, inteiramente confiados, nos abalançámos á difícil tarefa.

OS DIRECTORES

ROMAGENS D'ARTE

NO MUSEU D'ARTE CONTEMPORÂNEA

E NO ATELIER DE COLUMBANO

COMO INÍCIO A SUA DEVOTADA ROMAGEM A TODOS OS MUSEUS, GALERIAS DE ARTE, «ATELIERS» E PRINCIPAIS MONUMENTOS DO PAÍS, FIXANDO IMPRESSÕES PRÓPRIAS OU ESCUTANDO OS ARTISTAS, É COM O MAIOR DESVANEÇIMENTO QUE A «ALMA NOVA» HOJE VAI REPRODUZIR, EM RÁPIDAS LINHAS, O QUE SÔBRE O MUSEU NACIONAL D'ARTE CONTEMPORÂNEA



COLUMBANO BORDALO PINHEIRO

TRANSPOSTO o largo portão que serve ao mesmo tempo de ingresso à Biblioteca Nacional — esse outro valiosíssimo «templo» dos códices e in-fólios, de que na devida altura nos ocuparemos, — o nosso olhar alonga-se, em frente, na semi-obscuridade de um extenso corredor, donde se eleva, quase a meio, a macia brancura de alguns gessos.

E o corredor da Academia de Belas Artes, — poderá informar-nos um continuo que junto da pequenina mesa vigia a entrada — e por esse corredor se comunica, efectivamente, com as dependências do Museu.

Encontrando-se o referido em obras, aguardamos a chegada do Director. Tanto mais que era principalmente para ouvir Columbano, que, na verdade, ali fomos.

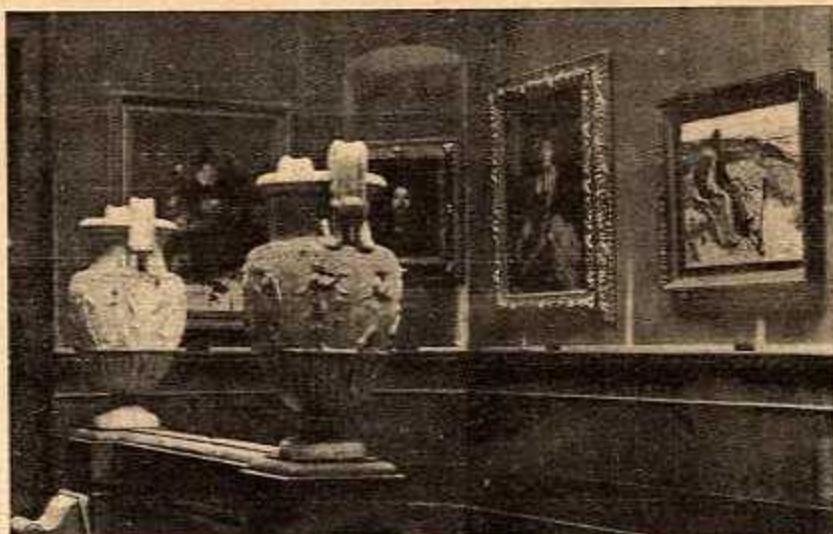
Não tarda, porém. — Alguns minutos apenas.

DEDICADAMENTE LHE CONFIOU O SEU ILUSTRE DIRETOR E GRANDE ARTISTA SR. COLUMBANO BORDALO PINHEIRO, NESSAS MESMAS SALAS QUE MUITO BREVEMENTE DEVERÁ SER REABERTAS PARA O PÚBLICO E ONDE O VENERADO MESTRE, GLÓRIA DA PINTURA PORTUGUESA, TEM PÓSTO TANTO DO SEU ENTUSIASMO E FEITICEIRO CARINHO DE PATRIOTA.

Este museu, recorda agora o Mestre, a uma nossa primeira pergunta e conduzindo-nos através de salas ainda em desalinho e de outras já explenidamente remoçadas, este museu, como deveis saber, foi criado por decreto de 26 de maio de 1911, tendo sido seu primeiro director o sr. Carlos Reis, que fez importantes melhoramentos nestas antigas salas da Academia de Belas Artes, instalando nela o museu e mandando construir a grande galeria de escultura.

Todas as obras d'arte executadas na segunda metade do século XIX até à actualidade,

que se encontravam no antigo Museu das Janelas Verdes, foram então transportadas para este novo Museu Nacional, o que, juntamente com algumas já existentes na Academia e outras adquiridas pelo rendimento do legado Valmor, constituiu a 1.ª colecção importante do Museu. Mais tarde, ainda, as obras dos artistas nacio-



UM TRECHO DO MUSEU

nais, adquiridas anualmente nas exposições da Sociedade Nacional de Belas Artes, pela verba do Estado, vieram aumentar e valorizar mais esta admirável colecção."

Percorridas religiosamente todas as salas, ora escutando os informes do Director, ora as sábias observações do Artista, uma pequenina porta, que se abre ao fundo da última e à direita do famoso tríptico "O Marinheiro" de Constantino Fernandes, levámos ao seu atelier. Um momento para o

Mestre *pousar*, com Martinho da Fonseca e Saavedra Machado, ante a objectiva do fotógrafo; depois, distraindo um pouco a atenção da sua célebre galeria de retratos e das várias telas, que nos cavaletes aguardam, aqui e ali, que o Artista as complete, continuámos novamente:

— Pode V. Ex.^a dizer-nos se tem os poderes públicos auxiliado convenientemente este Museu?

Columbano concentra-se um instante, depois historia:

«Quando tomei posse do lugar de Director, no fim do ano de 1914, o Museu dispunha apenas de 500 escudos anuais para as despesas da sua manutenção. Com tão poucos recursos não me era permitido fazer qualquer coisa de importância se não fosse o interesse e boa vontade do Secretário Geral do Ministério da Instrução, Dr. João de Barros, que me conseguiu um aumento de mil escudos anuais para a sua dotação.

Sendo Ministro da Instrução o Dr. Domingos Pereira, este concedeu-me, extraordinariamente, uma verba de 8.500 escudos para uns melhoramentos indispensáveis na grande sala de escultura. Infelizmente, logo que as obras tiveram princípio os preços da mão d'obra e do material subiram vertiginosamente, esgotando a verba antes de terminados os trabalhos, ficando assim a sala impedida de ser aberta ao público por grande espaço de tempo, até que o Director Geral de Belas Artes, Dr. Augusto Gil, incansável no interesse que lhe tem merecido este Museu, me proporcionou os meios necessários para a sua conclusão. Ao ilustre Mestre e



NO ESTALEIRO DO MESTRE: SAAVEDRA MACHADO, COLOMBANO E MARTINHO DA FONSECA

grande arquitecto José Luiz Monteiro devo toda a parte arquitectónica das obras realizadas, pois a elas tem prestado sempre graciosamente o seu valor e o seu saber.

«Ultimamente, o Dr. Ginestal Machado, que ocupou a pasta da Instrução, mostrou o maior entusiasmo pelo Museu e ampliou a sua dotação em 8.000 escudos; aumentou ainda a verba anual para aquisições aos artistas nacionais em 20.000 escudos, além de pôr á disposição dos Directores dos Mu-

seus Nacionais uma verba especial para compra de obras d'arte no Leilão Ameal, em Coimbra, que vieram enriquecer as suas colecções.»

— E a propósito, — intervémos, — tem o Museu tido ultimamente algumas ofertas ou legados importantes?

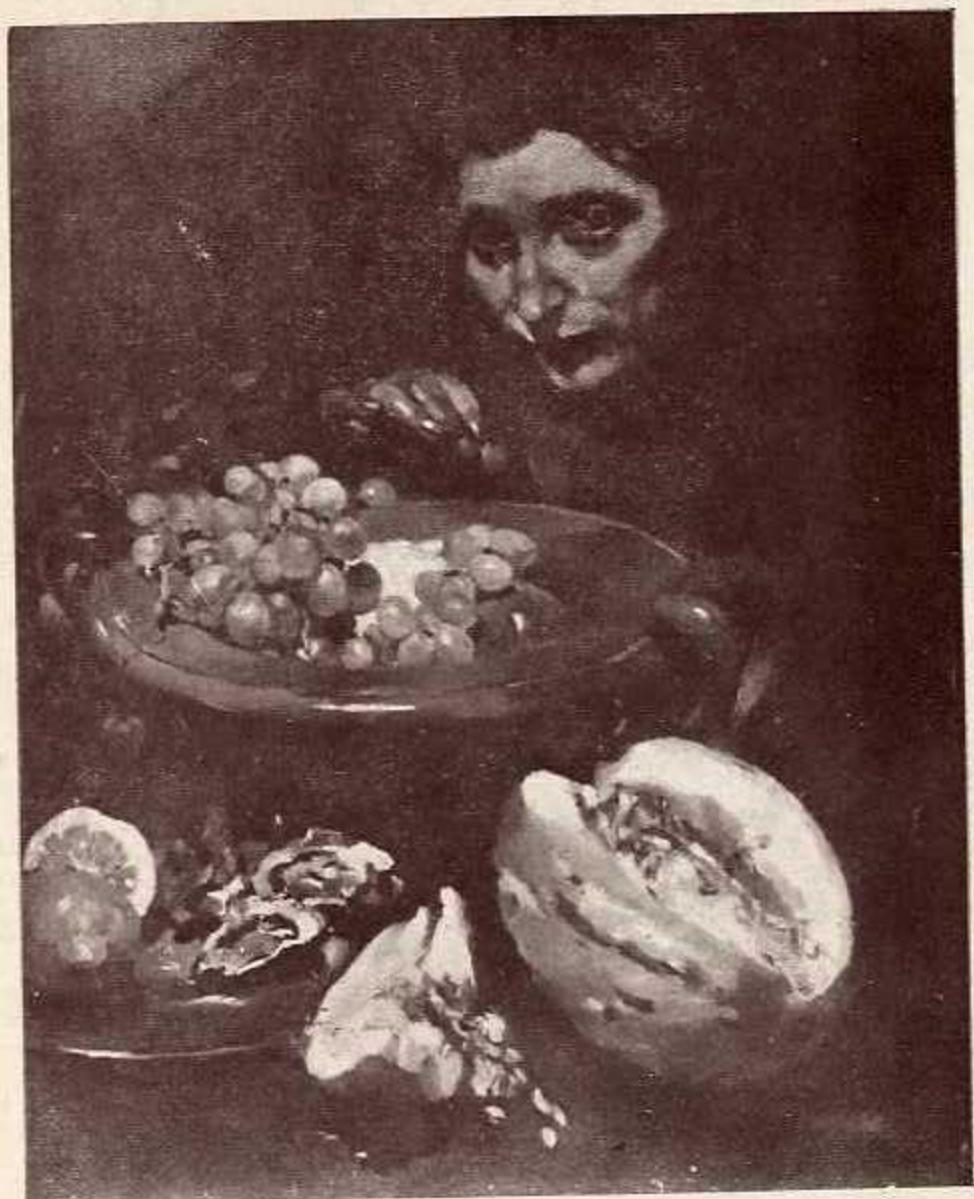
— Este Museu — confirma Columbano, — tem tido legados e ofertas valiosíssimas, tais como os legados do Dr. Sousa Martins, Ventura Terra e Manuel Gustavo, e as importantes ofertas da Sr.^a D. Elisa de Miranda Pereira de Menezes, José Relvas, Cruz Masalhães, Pedro Bordalo Pinheiro, Madame Dulac, D. Leonor Rosa, etc.»

Sabemos que o Mestre tem de ir ás suas aulas da Academia e pedimos então licença para nos retirarmos. Novamente atravessamos todas essas salas onde o ilustre artista tem posto o melhor do seu carinho e do seu entusiasmo — tanto nas antigas, hoje bastante transformadas, como nas de que acaba de dotar o Museu, — novamente a nossa alma ajoelha deslumbrada ante a sumptuosidade afectiva dessa formosissima galeria de esculturas e novamente atravessamos o extenso corredor de entrada.

Columbano, que nos acompanha até á porta, não querde deixar ainda de á nos confiar, num último e vigoroso aperto de mão:

«Por tudo isto julgo poder acreditar que o Museu de Arte Contemporânea, dentro em pouco, pelas obras primas que encerra, será um Museu notável em qualquer parte do mundo!» Com orgulho o repetimos.

M. M.



"FRUTOS D'OUTONO", POR COLUMBANO

ALMA NOVA
N.º 1-III.^a SÉRIE



LETROS



O MEU PROGRAMA

Na minha árdua tarefa de crítico, proponho-me analisar cuidadosamente os livros que forem aparecendo, apontando defeitos ou enaltecedo qualidades com imparcialidade desusada.

Procurarei fazer sempre um trabalho sincero, um estudo consciente, ainda que modesto.

Terei especialmente como alvo a defesa e o alevantamento da nossa língua. Por isso, nas minhas breves apreciações estudarei com toda a dedicação os traços com que se veste o pensamento — o estilo.

Atenderei a tudo: barbarismos, solecismos, galicismos, clarezza, harmonia, impropridade

dos termos, insuficiência, exagero, sequidão, baixeza, incerteza das expressões, etc., etc.

Quando se proporcionar, escreverei a respeito de algumas questões filológicas e do gosto na literatura e ocupar-me-ei também do estilo dos clássicos e dos modernos, mostrando, quanto possível, a sua evolução.

Os contemporâneos que primeiro estudarei, serão: Conde de Sabugosa, Ricardo Jorge, Antero de Figueiredo, Augusto de Castro, Aquilino Ribeiro, Agostinho de Campos, etc.

Tudo isto, é claro, será cumprido se as minhas faculdades me não iladirem presentemente.



CONDE DE SABUGOSA

O ESTILO DO SR. CONDE DE SABUGOSA

Trois choses sont absolument nécessaires dans le style: régularité, clarté, élégance. Avec les deux premières on parvient à ne pas écrire mal; avec la troisième on écrit bien. (Voltaire, D. e. phil., art., langues).

OSR. Conde de Sabugosa teve o talento de iniciar entre nós um género novo de literatura, citando com brilho e verdade os mais mimosos pedaços do passado.

Na galeria interessantíssima das figuras de relevo, nos retratos, quase sempre femininos, de feições atraentes, cheios de encanto e de poesia, nessa série de visões extremamente simpáticas, há uma pena que corre com mestria, apontando intrigas galantes, cenas impressionantes da corte. A sua «plume de gentilhomme», como muito ajuizadamente lhe chamou o Eça, possui todos os segredos da arte de contar, que são principalmente excitar a atenção, suscitar e aumentar a curiosidade para atingir o máximo efeito. E é pela sinceridade, energia, cõr e elegância que ele sabe muito bem consegui-lo.

Para o sr. Conde de Sabugosa a personagem que a sua pena desenha é objecto dum estudo especial. Nela aparecem postos à luz os motivos do seu proceder, os meios de que se serviu para os seus êxitos, a influência das suas opiniões e das suas virtudes para conquistar os melhores triunfos.

O sr. Conde de Sabugosa não esquece que uma mímina coisa, uma simples palavra, um diálogo, uma anedota, põem bem em evidência o natural das personagens históricas.

«Une circonstance bien choisie, dit Fénelon, un mot bien rapporté, un geste qui a rapport au génie ou à l'humanité ou à l'humour d'un homme, est un trait original et précieux dans l'histoire. Il vous met devant les yeux cet homme tout entier.»

No estilo do autor das «Donas dos tempos idos» há

a conveniência, há a conformidade do tom com a natureza de assunto. Para as conversações familiares tem ele a simplicidade aliada sempre à delicadeza. Nunca é trivial quando é preciso ser pomposo nem cai na vulgaridade quando deve ser nobre. Ele sabe muito bem distribuir os tons solenes nos assuntos elevados e também ser grave e austero quando convém. Nunca é arrebatado quando necessita de ser calmo; nunca desenrolve toda a energia do seu estilo onde deve reinar a suavidade, a docura.

O sr. Conde de Sabugosa não tem a incoerência e o arranjo das imagens. Estas são ditadas pela razão e pelo bom senso, o que prova o seu gosto estético. As suas metáforas são sempre de uma precisão luminosa.

A sua frase curta, que é de mais difícil realização, aparece-nos quase sempre mesclada com as frases longas, o que produz uma bela variedade. Ele sabe cuidar a série dos finais, com o que obtém um efeito musical completo. Nisto o sr. Conde de Sabugosa é um verdadeiro clássico, cujas obras abundam em efeitos rítmicos ou plásticos.

Nas suas obras não abusa das digressões e dos parênteses nem encadeia pensamentos sem relação bastante. Por isso, quando se leem os seus livros, não se tropeça em frases ásperas, não se embica em círculos torcidos, pretenciosos. As suas frases não são nem prolongadas por comparações, nem arredondadas por ornamentos demasiados.

Com as suas proposições novas, nobres, harmoniosas, consegue ele dar ao estilo relevo, vigor e suavidade, tornando a língua um instrumento dócil e muito expressivo.

Por vezes nos seus belos escritos sentem-se palpitar a imaginação ardente de poeta e a emotividade de artista, mas sem nunca ofuscarem os seus pensamentos, sem nunca obscurecerem a limpidez das suas ideias. A sua prosa não é apenas a água cristalina do regato que deixa ver o pequeno seixo, nem o espelho onde se vê nitidamente a imagem das coisas; é uma tela, onde não há únicamente sentido de palavras, como em quase todos os clássicos, mas abundância de cores, vibrações que geram notas claras.

Não há dúvida de que o estilo reflete a personalidade do escritor. O estilo não é mais do que a resultante complexa das diversas impressões sob as quais se fez a educação da personalidade. O sr. Conde de Sabugosa é um artista de fino gosto, poeta dos outros tempos que conviveu com uma pleia brilhante de escritores — Eça, Conde de Ármoso, Ramalho, António Cândido, etc. — e tem passado a sua vida num verdadeiro museu de arte — o seu palácio de S.º Amaro. Além disso, segundo ele afirma modestamente nas «Neves de Antanho», ainda hoje inveja a ferro vento com que trabalharam os Barros, os Coutos, M.º Bernandes ou Francisco M.º de Melo, e ainda hoje proclama seus mestres de gramática Castilho, Garrett e Herculano.

Foi com estes que ele aprendeu a escolher as palavras — elemento essencial de bom gosto, — palavras que se adaptam rigorosamente à ideia. Foi com estes que ele aprendeu a fazer economia de adjetivos, evitando efeitos de significação vaga, falsa e imprópria. Às vezes uma palavra, que nos parece trivial, vulgar, empregada pelo autor da «Gente de Algo» no lugar onde ela só pode ser empregada, é duma energia e duma verdade singulares. Usa das palavras eruditas sem aspiração a

efeitos retumbantes e tem alguns termos com sabor antigo que foram exigidos pelo personagem ou pela época que descreve. Fa-lo muito conscientemente. Di-lo nas «Neves de Antanho» a propósito deste vocabulário.

Se a alguém causar estranheza este termo, ou o achar de rebuscado, julgando que por afectação dos preferencia a vocabulário desusado, desprezando a linguagem corrente e chum, brevemente corrigirá a acusação fazendo-me justiça.

“Se, porém, no de orrer da ocação pêngu do bico da minha pena um vocábulo de que se perde o uso, ou um oculto que, embora tocada da ferragem do tempo, expressa signifcativamente a idéia, não me tolhe o recheo de que me almejam de afectação ou me acusem de calamistar prouposito, n'este o perío os » cito-o fcar.

Assim e pudesse, com engenho, e arte trazer à minha prosa os termos, os vocabulários, as locuções hoje perdidas que tanta nobreza e lustre davam à língua portuguesa.”

O sr. Conde de Sabugosa está dentro da boa regra. A condição da prosa artística é quase a absoluta liberdade de vocabulário para invocar com o máximo de precisão as imagens dos seres reais; é o emprego, ainda que com reservas, de todos os nomes particulares das coisas — arcaicas, técnicas e populares.

Pensando assim, o sr. Conde de Sabugosa apresenta-nos uma riqueza e uma bela variedade de termos esplendidos por uma pena firme que anda ao serviço dum pensamento rigoroso e muito seguro.

Voltaire afirmou que, quem tem muitas ideias nitidas, tem certamente muitas ideias diferentes e exprime-se naturalmente e dumha maneira variada. O que não pensa não pode variar o seu estilo, porque não tem nada que dizer. E antes mesmo do obreiro da *Henriade* já Boileau tinha escrito:

“Avant donc que d'écrire apprenez à penser.”

E o sr. Conde de Sabugosa sabe coligir com muito método e muito raciocínio o material que tão eruditamente distribue pelos seus livros. É o que nos ensina uma carta que eu publiquei no «Ensino da Redacção da Língua Portuguesa» e que reproduzo aqui por julgá-la muito pouco conhecida.

“... sempre que qualquer assunto histórico ou arqueológico me abraça a atenção no decorrer duma leitura, ou duma reorganização através de reuniões pitorescas ou em vista a monumentos que nas suas paredes abrigam figuras cuja memória me abriga a imaginação, tento reduzir as minhas impressões a escrito, sem outro intuito mais que evocar e trazer à vida o mais nitidamente que possível sór, essas personagens, e reconstituir sobre o dito teatro, agora já esquecidos ou ignorados.”

Depois de fixado o assunto recorro a todos os meios no meu alcance para o alisar o plano que intentei, isto é, fazer ouvir que não desagrada a quem lê e que lhe fale verdade.

Verdade? Sim, verdade. Não a verdade absoluta, quis, sempre intangível, mas o que mais se aproxima da realidade. «Ara isso de to não dos livros que se ocupam do personagem que me propõe estudar: das crónicas; das memórias; das correspondências; das tradições locais; das lendas e das histórias transmitidas de geração em geração. Depois consulto os meus contemporâneos — historiadores, arqueólogos, genealogistas, filólogos e todos os que podem fornecer-me contribuições elocaz. Irm Portugal, louvado Deus, não escasseiam; e quando a gente sabe procurá-los no canto em que modestamente trabalham nas suas especialidades, logo sempre boa colheita.

So depois desta tarefa adequadamente atiro no papel ainda desalinhadas as minhas impressões. Deixo-as então abebidas como sôpas de leite, e mais adiante é que entro a redigir, compondo as frases ao sabor da inspiração.

Ficou uma obra de arte?

Alvez não. Mas fez um trabalho de probabilidade, que por esse facto merece benevolência. Qualquer afirmativa tem sempre uma autoridade que a abone.

Quanto a artifícios de linguagem prescindo dêles quanto posso. A língua portuguesa é um dos maiores instrumentos que existe, mas é também dos maiores de manejar.

E como componha a função é d'el a poucos, uso do processo mais seguro para não desalinhá-la — ser simples para ser perceptível. Quem tem uma ideia nítida sabe expô-la com clareza.

O leitor que conheça bem o estilo do autor d'A Rainha D. Leonor, sentirá certamente a modéstia sincera que ressalta do final da sua carta. Mais uma vez se confirma aquele justo conceito de La Bruyère, o grande escultor da linguagem do século de Luis XIV:

“Les esprits médiocres croient écrire divinement, les bons esprits croient écrire raisonnablement”.

GUERREIRO MURTA

D. RAMÓN MARIA TENREIRO

Meu caro Moreno:

VOCÊ e o Murta gentilmente desejam que eu coopere no seu simpático e levantado empreendimento da revista «Alma Nova», órgão das aspirações da geração moderna, e eu, aproveitando os meus escassos momentos de lazer e apoiando os vossos sentimentos de hispanofilia, fiz uma versão da formosa novela de D. Ramón María Tenreiro. *El loco amor*, delicada narrativa das cegueiras fatais do deus vendado, duma sensibilidade tão penetrante e dum tom passional por vezes tão intenso que a gente de bom gosto verá nela uma interessante aliança do lirismo galego e do arrebamento castelhano.

O autor, querido e provado amigo meu, foi durante alguns anos o crítico da famosa revista *La Lectura*, por cujas páginas disseminou os seus juízos argutos, perspicazes, sem exclusão de indulgência. A livros portugueses se referem numerosas dessas páginas. Como crítico deu ainda uma edição excelente de algumas comedias de Lope de Vega, com a colaboração de Gomes Ocerin e, senhor dum sólido conhecimento das línguas alemã e italiana, traduziu obras de Goethe, Kellermann, Jørgensen, Hauff e Fogazzaro. Para as crianças fez adaptações admiráveis, na Biblioteca de Juventud, de *La Vida es sueño*, de Calderon de la Barca, e do *Conde Lucanor*, de D. Juan Manuel, com um gôs-



D. RAMÓN MARÍA TENREIRO

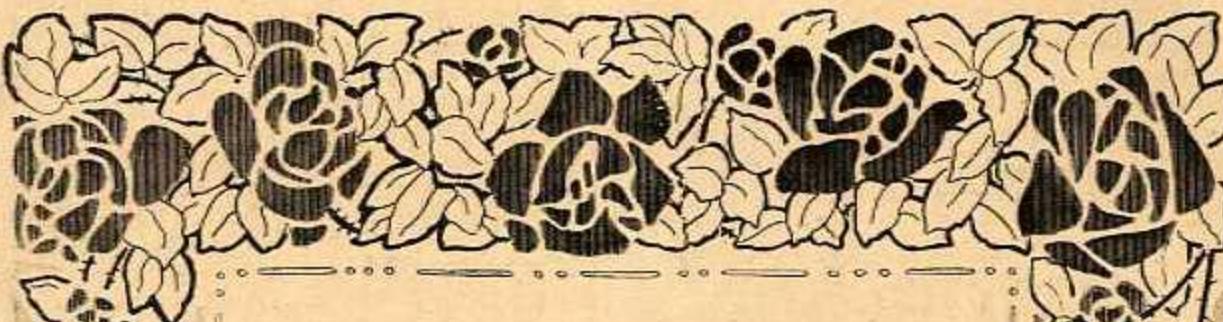
to tão delicado e tão inteligente senso pedagógico que só encontramos competidor dessas virtudes no nosso poeta Lopes Vieira. Ambos compreenderam, o prosador espanhol e o poeta português, que as crianças querem obras de arte superiores, não pobres arranjos improvisados, duma simplicidade artificial de que elas mesmas seriam. Escrever para crianças de modo a suscitar-lhes emoções, sem deixar de ser espiritualmente um adulto e um alto artista, é o segredo desta literatura infantil, vedado a mediocres.

Modernamente, D. Ramon María Tenreiro inclina-se para a literatura de ficção, gênero de que nos tem dado as novelas *Embrujamiento*, *La Agonia de Madrid*, *Lunes antes del Alba* e *El loco amor*, cuja publicação principiará no próximo número desta revista.

Para os portugueses deve ser bemquisto o nome deste nobre escritor, que é um amigo das letras de Portugal, cuja divulgação tem promovido no seu país com entusiasmo e dedicação. Ainda recentemente publicou uma tradução fiel e elegantsima do *Hino da Manhã*, de Anthero de Quental. Por estas razões, julgo que V., meu caro Moreno, e o nosso Murta, devem hospedar nas colunas da *Alma Nova* com todas as honras a emocionante novela, que falará aos corações portugueses dum mal bem português—«este inferno de amar», como diria Garrett.



NOSO POETA.



SOBERANIA MÁXIMA

*Ao Excellentíssimo Senhor
Doutor Antonio José de Almeida
— escol da pura Amizade.*

ENTRE O ROLAR DOS MUNDOS INFINITOS,
IMPÉRIO COLOSSAL QUE NÃO BAQUEIA,
OS GRANDES HOMENS SÃO APENAS MITOS,
A TERRA IMPERCÉTIVEL GRÃO DE AREIA!

QUE VALEM NOSSOS MÍSEROS CONFLITOS,
O FÉRIL LAMPEJAR DA NOSSA IDEIA,
LOUROS DE HERÓIS, ANGUSTIAS DE PRECÍTOS,
POR ONDE O ETERNO UNIVERSAL VAGUEIA?

GRANDEZAS, HONRARIAS, SÃO QUIMERAS,
QUE ESMALTAM A VAIDOSA HUMANIDADE,
NUMA ILUSÃO, QUE VEM DE ANTIGAS ERAS.

UMA SÓ COISA AFLORA A ETERNIDADE,
E ATINGE, AUGUSTA, AS LÚCIDAS ESFERAS:
— A FORÇA INQUEBRANTÁVEL DA BONDADE.

CRUZ MAGALHÃES

Malme

ACORES

PORTUGAL não conhece a Portugal. Julga vêr-se ao espelho quando lê os jornais. Portugal revê-se nos jornais e encontra-se um sedári de ignominiás: de injúrias mútuas, de baixezas, de intrigas, de maldades, de mexericos, de escândalos, de malversações, de perversidades, de insignificâncias torpes quando não de tragédias formidáveis...

Portugal não se conhece porque não olha para si mesmo: revê-se na sua imprensa, mas a imprensa só reflecte um miserável aspecto, indigno de figurar Portugal.

Eu já escrevi algures: Portugal não vem nos jornais. Esse Portugal, que não vem nos jornais e que por isso Portugal não vê, poucas vezes se dá por ele, porque é pacífico e honrado: trabalha e não faz barulho. A parte que se ouve fazer barulho não vale nada em Portugal: dá-se por ela e parece de grande monta, sómente pela insuportável algarazza que faz. Diz-se até que os vizinhos se queixam...

Chegam aqui jornais do continente, em que perpassa por vezes um novo problema, que se enuncia assim: — «a província contra Lisboa? — Lisboa contra a província?» (Segundo a imprensa, Portugal seria por exceléncia o país dos problemas... Isto de enunciar problemas é uma maneira cómoda de acomodar a preguiça e acobertar a ignorância, com a vantagem de se darem ares de que se estuda muito...)

Uma consciência regionalista, serena e ordera, um critério saudável de uma província honrada e laboriosa, chamando à ordem uma capital leviana, dando-lhe duas surras e conduzindo-a pelas orelhas para o caminho do juízo — seria lindo de conceber-se... se a província que se manifestasse não fôra acaso um coalho de vinagreiras, de Lisboas em ponto pequeno, quiçá ainda menos suportáveis. E sejamos justos: Lisboa vive acaso feliz do que em Lisboa se passa? Acaso Lisboa governa Lisboa? Foi Lisboa que escavacou o Rossio? Não estará a capital coacta sob uma camada ligeira mas dissidente, sem valor em quantidade e em qualidade, que não chegaria a cumular dois porões de regular tozelagem?

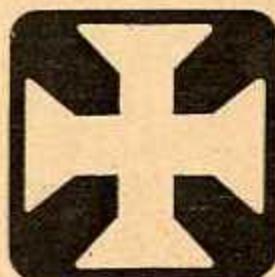
Portugal tem de tornar a encontrar Portugal e de o reconhecer, noutra parte que não nas colunas das gazetas. Contemple, com olhos de vêr, a sua província: a que trabalha e sofre — e não a que finge que reponta e se entretém a forjar problemas novos. Olh: para a sua capital, porque lá também se trabalha e se sofre e só uma insignificante parcela de gente perpetra crimes e diz asneiras. E lembre-se de que Portugal não é só a capital e a província...

Aqui em pleno Atlântico, quase a meia distância entre a Europa e o Novo Mundo, há portugueses, iam bons como os melhores... A eles tem a Pátria recorrido em horas graves — recorre-lhes, mas esquece-lhes os serviços. Os portugueses dos Açores são a prova flagrante da vitalidade de Portugal, das condições de expansão da sua gente, da sua laboriosidade, da sua dignidade, do seu fundo moral — estruturalmente digno, honrado e bom.

Nove farrapos de terra se estiram ao comprido, em três linhas paralelas, de Santa Maria ao Côrvo, — nove rincões de lava, envoltos em bruma, expostos a um sol que lhes faz negaças — nove terras de sonho povoadas uma população limpa de corpo e de alma. Dêles, desses farrapos de terra, de uma feracidade que faz pasmar os entendidos, arranca o de que vive, e do que sobra — que muito é! —inda vai prover a Mãe-Pátria. Excessiva para a extensão do solo, que lhe não basta, vai povoar ainda o Novo Mundo e coalha nele centros de população portuguesa, que se registam na Babilónia americana. Lia-se há tempos num jornal yankee qualquer coisa como isto: «os Açoreanos distinguem-se pela sua actividade, pela sua resistência ao trabalho, pelo seu temperamento ordeiro...»

Consegirei eu, com os recursos únicos da minha observação deficiente, chamar — nas páginas da *Alma Nova* — a atenção da gente boa da minha terra para estas outras terras que também portuguesas são... para estas outras gentes que também são de Portugal — para as belezas de umas, para as boas qualidades das outras?

IBRAGA PAIXÃO





COLONIAS.



CONVIDA-ME a amizade do director da *Alma Nova* para reatar o grato convívio intelectual com os companheiros das páginas da antiga *Alma*, hoje renovada, e sempre nova, e com os leitores abandonados em 1918. Gratamente o faço e como antigo colaborador do modesto jornal de estudantes por onde a *Alma Nova* começou dão-me o encargo de uma secção em que verse os problemas a cujo estudo por preferência e dever principalmente me dedico: os problemas que dizem respeito à colonização e às colónias.

Se não posso louvar a escolha louvo no entanto calorosamente o intuito de consagrar a êsses assuntos uma das secções desta Revista.

Todas as questões que dizem respeito às colónias e aos problemas da colonização têm para nós uma importância cada vez maior. Não falo já nos dois milhões e setecentos e noventa mil quilómetros quadrados que elas acrescentam à superfície da terra pátria — o que, diga-se de passagem, nos impõe obrigações e responsabilidades de que frequentemente nos esquecemos e nos tornam em superfície uma das grandes nações do mundo — das colónias depende, conforme se tem dito, a conservação da nossa própria autonomia política e a possibilidade da nossa existência pelo auxílio que, com mútuas vantagens, esse grande corpo disperso pelas cinco partes do mundo pode dar a esta desvairada cabeça que é formada pelo Portugal europeu.

Problemas de ordem económica, com toda a complexidade dos factores que em tais problemas entram, desde o aproveitamento para nossa alimentação dos productos da sua agricultura até a fixação nos seus territórios de alguns dos milhares de portugueses que a fome atira para fóra da pátria, problemas de ordem política que necessitam a observação atenta dos interesses e ambições que dividem e dominam o mundo, todos êles merecem a atenção de todo o português medianamente culto, e numa revista que pretenda focar os aspectos mais importantes da vida portuguesa não podem ser esquecidos e para êles se deve chamar a atenção do leitor.

Não que numa revista da natureza da *Alma Nova* se possam e devam debater problemas de ordem técnica que por muito especializados não interessam o comum das pessoas, que êsses devem ser reservados para os trabalhos, relatórios e revistas especiais, mas porque a toda a

gente importam as conclusões a que sobre tais pontos se chega e necessário é trazer-lhe periódicamente ante os olhos alguns de êsses aspectos com o desenvolvimento, e a regularidade, que o jornal quotidiano não atinge, dominado pela curteza de espaço e pelo mercantilismo da *última hora* sensacional, e ao mesmo tempo com a leveza que os trabalhos especiais não precisam e não podem ter, e de que o profano desejo no entanto de conhecê-los, não prescinde para se decidir a abordá-los.

E' isso que se procurará fazer nesta secção e crêmos que, pelo simples facto de a manter e chamar persistentemente a atenção dos seus leitores para tais problemas, a *Alma Nova* prestará um bom serviço mesmo àqueles que profundamente os conhecem e nada aprenderiam aí, mas aos quais, precisamente, falta que o público, com conhecimento de causa, os possa ouvir e apoiar. Nem para êsses aqui escreveríamos. As soluções para êsses complexos problemas não podem ser dadas nas colunas de uma revista destas por uma opinião individual, ainda que em muito excede-se a competência, tão limitada, do cronista. O que podemos e julgamos que devemos fazer é apenas, repetimo-lo, *chamar a atenção dos leitores para os problemas e dar-lhes a conhecer as soluções que lhes foram dadas, dentro de determinados princípios*.

Procuraremos perante os nossos leitores acompanhar o nosso movimento colonial nos seus aspectos administrativo e económico, pela análise dos esforços que neles colaboram, e ao mesmo tempo procuraremos dar nota dos mais importantes factos do movimento colonial de outras nações, que temos o maior proveito em conhecer e que o geral das pessoas com dificuldade consegue pela falta de revistas ou jornais que resumidamente tragam ao seu conhecimento os assuntos tratados nas obras e jornais estrangeiros da especialidade e a forma por que êles apreciam os factos. Com muita satisfação podemos ainda anunciar que contamos com a colaboração e auxílio de eminentes colonialistas.

Pela importância do assunto, pela autoridade dos escritores com cuja colaboração contamos, e — à falta de melhores qualidades — pela independência e sinceridade com que procuraremos expor os problemas de que tratarmos, esperamos que a simpatia dos leitores acompanhe esta secção da *Alma Nova*.

J. GONÇALO SANTA RITA



ARTE



SECÇÃO DE PINTURA

(Dirigida por Martim da Fonseca e Eduardo Rossetti)

A BELA ARTE da Pintura encontrará na «Alma Nova» um elemento acolhedor e de propaganda dedicadíssimo, onde, a par de impressões de carácter noticioso e crítico sobre Arte e Artistas de todas as nacionalidades, se fixarão, insistentemente, reproduções de obras de artistas portugueses. Nesta orientação, prestaremos com sincera espontaneidade um fervoroso preito de homenagem aos Mestres, certos de que para os Novos tal gesto significará, no reconhecimento infindável de uma afirmação de valor, o mais quente aplauso pelos seus trabalhos e, ao mesmo tempo, a franca oferta de um estímulo que os leve a prosseguir com entusiasmo e fé o caminho traçado.

Dentro propriamente da Escola Portuguesa, a sua história, que dia a dia se vai completando e enriquecendo — é-nos grato recordar aqui os nomes ilustres de Columbano, director do Museu de Arte Contemporânea, José de Figueiredo, que dirige o Museu de Arte Antiga, e Luciano Freire, que salvou com mestria dos seus restauros tanta obra-prima — a sua história dar-nos-á inesgotáveis assuntos, quer para uma ou outra apreciação, quer, como está dito acima, para fixarmos pela imagem gravada as obras mais expressivamente representativas, tanto no que elas afirmem de muito pessoal, no que respeita aos seus autores, como também, por um seu mais alto significado moral, no que imponham a nacionalidade portuguesa como um valor na Arte — colocando Portugal ao nível e no conceito dos países de requintada cultura mental e estética.

ARQUITECTURA

(Dirigida por Jorge Segurado)

E STA secção propõe-se: Enaltecer a Arquitectura Portuguesa, sobretudo a doméstica, e demonstrar que ela é lógica e harmónica com a nossa história, o nosso clima e a nossa tradição; combater as construções do género «Chalet», assim como aquelas que além de serem anti-estéticas são pretenciosas; apresentar autores e reproduções de projectos de casas de habitação com carácter bem português e outros edifícios, e publicar estudos.



SANTA RITA PINTOR

ESTE saudoso e originalissimo Artista, do qual a Alma Nova se ocupava oportunamente com o carinho e o interesse de que a sua memória é digna, foi um dos mais dedicados amigos do nosso director artístico, que sempre lhe retribuiu essa amizade. Anunciando a grata novidade, publicamos hoje um flagrante «rosto» do curioso artista, desenhado por Sauroda Mariano, há alguns anos, quando dava das vistas de Santa Rita Pintor no seu atelier.

UMA revista do género da *Alma Nova*, sem a sua página de caricatura ou desenho humorístico, satírico, fantasista, se assim o preferem, era como uma cantora ricamente vestida, mas sem voz, como um dia sem sol ou como um lago de remansoso jardim onde não voguem cisnes.

Sempre a forma desenhada do humorismo, nas suas variadíssimas modalidades e objectivos, desempenhou importante papel nas publicações que lhe solicitaram os inesgotáveis recursos, mas na época que atravessamos torna-se ela imprescindível, como propagadora de bom-humor. Precisamos hoje, mais do que nunca, de boa disposição de espírito, de risos calmos e de segura confiança nos destinos do país. Nada de pessimismos! Nada de desánimos, que sómente nos abrumpam, abatendo-nos as energias!... O Riso é bom conselheiro, e no momento que passa há uma grande necessidade de rir.

Parece que assim mesmo o compreenderam todos os jornais da capital que, não sendo de caricaturas, as estão publicando diariamente.

«Caricatura» já por si quer dizer Liberdade — a Liberdade bem compreendida. Seria, portanto, absurdo que ela não presidissem

sempre a esta secção, que tão gentil como desacreditadamente me foi confiada. Desenhe os meus caros colegas como e o que quizerem. Só um pedido lhes faço: guardemos o lápisarma política. Sirvamo-nos da lápis que não agride mas divide, que alegra em vez de irritar. Estamos entendidos?

Uma ou outra vez — sendo a primeira no presente número — reproduziremos trabalhos dos nossos desenhadores-humoristas falecidos. Tendo sido, incontestavelmente, Retael Bordalo Pinheiro o maior de todos, não podíamos deixar de iniciar a secção com um gracioso inédito do Mestre, existente no museu que guarda a sua obra preciosa e cuja reprodução devemos á ilimitada gentileza desse admirável admirador de Bordalo, o patriótico e benemérito fundador daquele museu, sr. Cruz Magalhães.

MIGALHAS HISTÓRICAS

VILA NOVA DE PORTIMÃO

NA galeria de figuras célebres que a história regista nos anais do antigo reino do Algarve, tão vasta em perfis de intrépidos e valentes guerreiros, de aventureiros e audazes pilotos e mareantes, de prestigiosos fidalgos e cortezãos, e até de santos varões cujas virtudes e perfeições morais os agiologistas exaltam e apregão, destacam-se os vultos dos primeiros senhores e donatários da laboriosa e importante vila de Portimão, os *Castelbrancos*. E dentre estes é sobremaneira notável e interessante a figura de D. Martinho de Castelbranco, primeiro conde titular desta vila por carta régia de 28 de maio de 1504, confirmada por alvará de 18 de agosto de 1523. Foi seu pai Gonçalo Vaz de Castelbranco, o primeiro senhor dest' vila, por mercê que lhe foi concedida por D. Afonso V em atenção aos muitos e importantes serviços que prestara nos combates e «scaramuças que se feriram em frente das muralhas de Arzila e na batalha de Toro, tão fraca e indecisa nos seus resultados, mas tão forte no ardor e denodo dos cavaleiros portugueses que ali pelejaram Reconhecida mais tarde pequena a mercê do senhorio da vila para galardoar tão valiosos serviços, Gonçalo Vaz de Castelbranco é feito vedor da fazenda, monteiro-mor, regedor da Casa da Suplicação, almoxace-mor e escrivão da puridade do referido monarca, que assim tão pródiga e largamente recompensava o seu valido e companheiro de armas.

D. Martinho de Castelbranco, seu filho, que do pai herdara as qualidades de esforçado e varonil cavaleiro, avantaja-se-lhe, porém, nos dotes e prendas da inteligência e da cultura, nas graças e audácia de galanteador, nas boas manhas da arte da montaria e altanaria, nos jogos de canas e cavalhadas e em todas as mais diversões que entretinham a corte e em que era perito. Ele foi uma das mais prestigiosas figuras do reinado de D. João III, depois de ter já desempenhado um importante papel no longo espaço que vai dos reinados de D. Afonso V ao daquele monarca, cujas cortes tão esplendentes viram desabrochar os mais belos engenhos e onde luziram os mais dotados e formosíssimos espíritos que têm iluminado a nossa história literária.

Para nessas cortes D. Martinho merecer o epíteto de «muy magnifico», como o apelida Garcia de Rezende, era realmente necessário que o primeiro conde de Vila Nova de Portimão fosse nelas, especialmente na faustosa e opulenta corte de D. Manuel, e depois na austera e grava vida pacífica de D. João III, uma das figuras de maior relevo, não só pelas altas funções que ocupava, como também na galhardia e esbelta altitude das suas maneiras, na pompa com que vestia os seus gibões de veludo golpeados, os seus custosos tabarcos de ricas telas, no agrado com que era ouvido nas serendas do paço pelas donas, donzelas e cunhheiras qu'ando, como um bardo ou menestrel doutras eras, assim respondia ao mote que uma dessas damas lhe dava:

Day-me hum pouco de vagar
nom mays que para poder
em minha vyda cuydar,
porque sou com me lembrar
me podereis esquecer.
e se cuydais qu'e faur
jsto que pego, matav-me;
e se nam queréis, leyyax-me
porque chore minha dor...⁽¹⁾

Na corte de D. Manoel desempenhou D. Martinho as mais elevadas funções palatinas, monarca que por ele tinha grande estima e confiança, de quem era

confidente e consultor nos mais graves e importantes negócios do Estado e de quem foi testamenteiro nomeado no testamento com que o rei venturoso faleceu em 13 de dezembro de 1521.

Foi o conde de Vila Nova de Portimão a quem D. Manuel confiou, juntamente com o arcebispo de Lisboa D. Martinho da Costa, a honrosa missão de acompanharem a sua filha, a formosíssima infanta D. Beatriz, a *Menina e Moça* da semi-legендária história dos amores de Bernardim Ribeiro.

Como é sabido esta princesa casou em Lisboa por procuração com Carlos III, duque de Saboya, e em 9 de agosto de 1521 partiu do Tejo a bordo do navio Santa Catarina do Monte Sinai, uma bela nau feita na Índia, de oitocentas toneladas, «mui maravilhosa, muito formosa, muito veleira e segura no mar», no dizer de Garcia de Rezende, nau que ia escoltada por uma poderosa esquadra de dezoito navios, também rica e custosamente armados e providos.

la D. Martinho de Castelbranco, além de embaxador, revestido das altas funções de capitão-mór e governador de toda a frota, e fazia-se acompanhar de seus filhos D. Francisco, o primogénito, D. João, D. António e D. Afonso, o primeiro dos quais comandava também uma das naus.

Na corte de D. João III, de quem era já camareiro-mór, quando príncipe, desempenhou também D. Martinho os mais altos cargos da governança do Estado, como: membro do conselho do rei, regedor das suas justiças, meirinho mor do reino, superintendente das aposentadorias e general das suas armadas.

O documento que publicamos a seguir e que desentranhamos de uma das mais ricas e copiosas coleções do nosso Arquivo Nacional é uma curiosa carta da Câmara de Portimão para el-rei, congratulando-se pela posse que D. Martinho de Castelbranco tomara do senhorio da vila e enaltecedo os serviços que ele e os seus ascendentes haviam prestado a mesma vila, ao monarca e ao reino com grande cópia de virtudes e muita lealdade.

Foi essa carta, cujo teor mostramos a seguir, que nos sugeriu e fez evocar o belo perfil do primeiro titular da pitoresca vila algarvia.

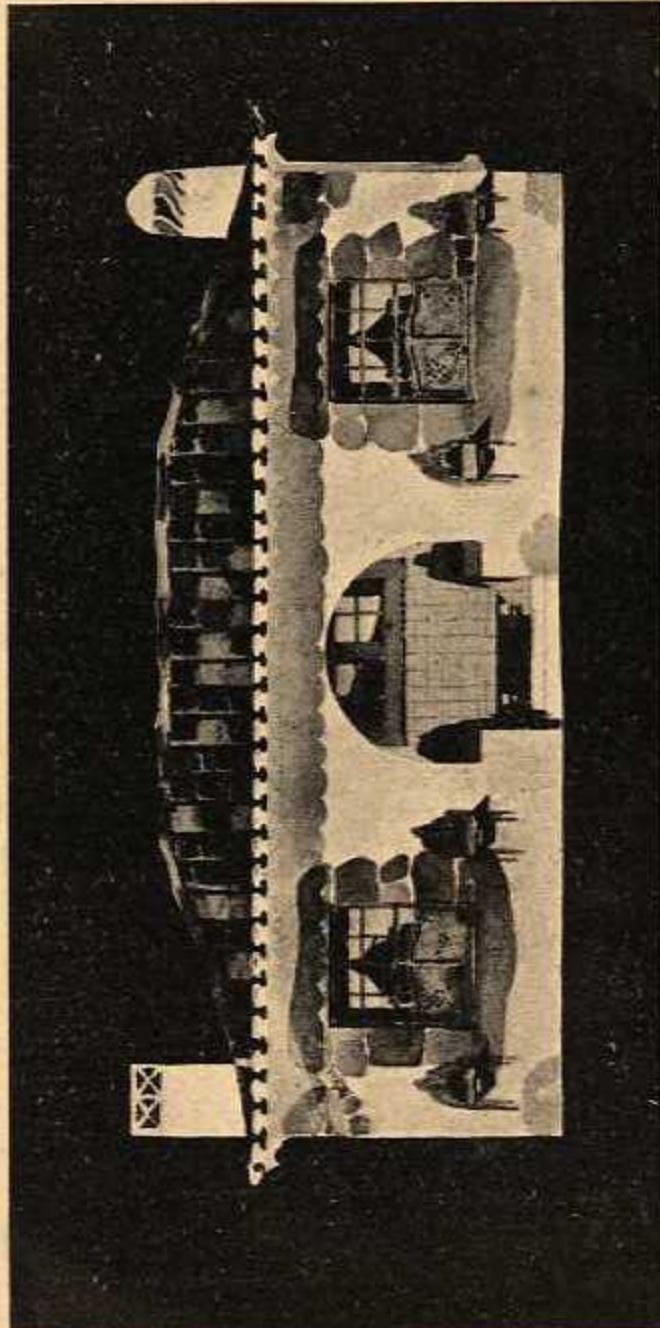
Senhor: — Os Juizes e vereadores e procurador do concelho e homens principais de Vila Nova de Portimão fazemos saber a Vossa Alteza como em nome de Dom Martinho de Castelo Branco se veo tomar posse desta vila e folguamos tanto de lha dar quanto diviamos pelas muitas obriguassos que tínhamos a seu pai e anõ e bisau pelo muito amor que nos tiverão e muitos favores que sempre delles recebemos e pois en pouo se acha conhecimento quanta confiança se deve ter nas muitas virtudes e grandeza de Vossa Alteza que lhe não esquecerão os muitos serviços que seus avos fizerão aos Breys e ao Reyno e quanta lealdade neles sempre se achou a serem taes que os Breys os deixarão por seus testamenteiros e esperamos que seu neto sairaa a elles por vir de tses pessoas e pela criação e geito que dizem que tem e jude que não seja necesario lembrar a Vossa Alteza que dee o ofício de seu pai a seu filho e asi o titulo de seu avo por quão lembrado he de flazer cousas Justas e de rezar o fazemos por saber Vossa Alteza quanta obriguacão e diuña temos a todas estas pessoas / noso señor a vida e rreal estado de Vossa Alteza per muitos annos atamente para seu serviço / espiritu na camara desta vila Francisco Cabrita espiritu dela a fez a 25 de outubro de 1548.

João barroso — Afonso Gaspar martins — Francisco d'Almeida — João
(Arquivo Nacional da Torre do Tombo — *Corpo Chronológico — Parte I — doc. n.º 71.*)

P. M. LARANJO COELHO

(1) — Garcia de Rezende — Craciano.

ARQUITECTURA PORTUGUESA



•CASA DA PAZ• PROJECTO DE VASCO DE MORAIS PALMEIRO (REGALEIRA)

PARA SINTRA

)

O HEROISMO ANÔNIMO



NA FLANDRES - UM EXPRESSIVO TIPO DE ARTILHEIRO

FOTOGRAVURA DO LIVRO «SANGUE D'EPO-
PEIA — A ARTILHARIA PORTUGUESA NA FLAN-
DRES», QUE O DIRECTOR LITERÁRIO DA
«ALMA NOVA» ACABA DE PUBLICAR.

9 D'ABRIL DE 1918

A ALMA NOVA, escolhendo a data histórica dê 9 d'Abrial para o seu reappa-
recimento — ela que fôra suspensa em começos de 1918 por motivo da aba-
lada dos seus principais elementos para os campos de batallha —, queré assim
prestar culto á memória honrada de quantos, caindo no seu posto, nessa trágica
jornada, aí souberam manter sempre glorioso o nome de Portugal.

CARTA A UMA MULHER MODERNA



Minha senhora

Faz hoje precisamente um mês que este «miserio mortal» passou alguns quartos de hora enlevoado no seu gesto de princesa e no seu raciocínio de filósofo.

Recorda-se você ainda do assunto da nossa conversação? Pois, feiticeira amiga, venho agora rejeitar essa extravagante mulher moderna que você tão habilmente fantasiosa.

E não me censure por não ter logo manifestado a minha completa e energica discordância. Se acolhi sem revolta a sua argumentação viúva, foi porque você falou com inteligência robusta e eu fui forçado a escutá-la com um coração fraco.

Uma mulher superior, (física e intelectualmente) como você, sabe insinuar-se por cada sentido e infiltrar-se por cada poro. As suas palavras têm sempre dois poderosos defensores — duas lascas de diamantes que brilham na face com luz bastante para encender todos os corações...

Uma mulher formosa traz sempre consigo um argumento esmagador — o seu rosto. Com ele vence e convence o «sexo forte» por um processo de hipnotismo.

Eu também fui vítima dessa espécie de armadilha suave, desse enleio doce, desse engano-felicidade. Mas hoje aqui proclamo bem alto que você pretendeu criar uma mulher quase à sua «imagem e semelhança»...

Lá porque a natureza lhe deu um coração de gelo (ainda que servido por uns olhos de fogo), você acha bem que na alma feminina predomine a incapacidade de sentir as vibrações do amor.

O Amor, sustenta você, não é filho dessa rainha da formosura que os Gregos fantasiam; é filho dumha outra deusa mais verdadeira, mais real — a Razão. Foi ela que ensinou esse «robusto infante alado» a balbuciar os primeiros segredos, a ensaiar as primeiras carícias e até a vender os primeiros beijos.

As paixões enternecedoras, puras e sinceras só se desencadeiam nas páginas hipócritas dos romances. As que irrompem dos corações amantes são formadas de todas as sujidades morais: — o egoísmo, a ambição, o orgulho, o capricho, etc.

Não se fie, aconselha-me você, nas mulheres que se confessam apaixonadas, porque essas amam hoje e odeiam amanhã.

Nas paixões há só instinto cego, atração brutal. Os apaixonados caminham às apalpadelas, não vêem o que deviam ver nem sentem o que deviam sentir. Para eles não há meios térmos, só conhecem os extremos — a candura dos anjos ou a preversidade das feras.

Para você a coragem decidida é a única virtude que deve florescer no coração da mulher. Todas as convenções «piegas» que a sociedade decretou, devem submeter-se a ela com a maior humildade.

O que é a tristeza num corpo corajoso? — interroga você. Um vermezinho roedor que vive num tronco riquíssimo de seiva.

O que vale o sentimentalismo mórbido dum povo comparado com a tão conhecida coragem dos Espartanos? O primeiro é medo que algema, o segundo é força que redime; um é vencido, outro é vencedor.

Diz você que a mulher de agora tem de acompanhar necessariamente, para felicidade sua, a evolução das sociedades novas, fazendo-se egoista como o homem do nosso tempo e curando-se da sua maior doença — a excessiva sensibilidade.

O seu temperamento glacial repele a mulher-planeta sensitiva. As almas sensitivas são almas doentes. Para a sua constituição viril está fora de época a célebre frase de Michelet: «a mulher, desde que é mulher, é uma doente».

O coração feminino que pulsa num ambiente vivido e assiste a todo o momento à luta dos vis interesses dos homens, precisa de se tornar rijo como os rochedos da seria, para que nela não entre nem uma seta de Cupido nem uma lágrima de piedade.

Você expressou na sua linguagem elegante a mais entusiástica admiração da coragem dessa matrona romana que se chamou Átria.

Aprovou que ela exortasse o seu esposo a matar-se para não cair nas garras do imperador Cláudio.

Estou quase convencido de que você também aplaudiu a audácia de Catarina II da Rússia por ter feito uma revolução que arrastou o seu marido das pedras frias do cárcere para o calor sombrio dos mortos.

Você não consente na alma da mulher o predicado eternamente simpático — o sentimento religioso, sem o qual ela é muitas vezes uma gentil rosa com espinhos...

Com tais teorias essa formosa metade do gênero humano ficaria, sem dúvida, (adaptando uma frase de Shakespeare) um manjar digo dos deuses, mas cozinhado pelo diabo... A mulher assim poderia descender do chacal, do cão raivoso e da fuinha magra, como satirizou o poeta Símonides.

Não, minha Vénus «criminosa», a mulher nunca poderá transformar-se em «bicharoco» tão malévolos...

Fadada a ser irmã, esposa e mãe, quiseram os céus que ela fosse o cofre de todas as súduções do espírito humano: o bálsamo para o infortúnio, o arrimo para o desamparo, a carícia para a saudade, o sorriso para a esperança.

Ela ha-de ser sempre a flor que os olhos cubram e o coração recolhe e afaga. Não porque ela possua o dom de manejar os homens com arte, mas porque tem inherentemente à sua essência a fragrância subtil que embriaga, o aroma que fala eloquientemente — a bondade.

Se amanhã o homem deixar vir à superfície tóda a sua animalidade primitiva e se se lançar em guerra sangrenta contra seu irmão, só uma força milagrosa o dominará — o amor da mulher.

Por todas estas breves considerações julgo condenáveis todas as suas ideias.

No entanto, é justo registá-lo, as suas extravagantes palavras destilaram-me no cérebro três conclusões muito lisonjeiras:

1.º Não tinha razão Shopenhauer quando disse que a mulher é um ente de cabelo comprido e de entendimento curto.

2.º Apesar de todos os defeitos que você me deixou adivinhar, é ainda a mulher o mais belo defeito da natureza, conforme escreveu Milton.

3.º Pode você deixar sair dos seus lábios tentadores as palavras mais revolucionárias, que você continuará a ser sempre o mais belo pedaço da humanidade.

Mas já desobedeci a todas as regras epistolares e a todas as praxes da civilidade, perturbando a tranquilidade da sua consciência com a extensão fatigante e a aridez futil desta minha carta. Contudo não esquecerei de responder áqueles dois pensamentos com que você fechou a discussão: «Meu amigo, arranje uma alma nova; o coração apaixonado é um coração velho, muito velho».

Pois, soberana minha, já arranjei uma «Alma Nova...»

Quanto ao coração, agradeço-lhe dizer-me que o omnipotência desse corpo gracioso e desse espírito scintilante deixou-o «velhinho» de todo...

Beija-lhe as mãos o mais humilde dos seus admiradores.

GUERRREIRO MURTA



- CARTA DE PARRIS. -

DEZEMBRO DE 1921

MANHÃ de Bosque... «Shimmy» de neve... Prostituição de sorrisos tiritantes. O vento, Barba-Azul de carnes, escalpela. O agente de polícia tem dois sorvetes nos olhos... Procissão minuciosa de pelejas de Redfern e Paquin. Céu de alumínio...

Um «Voisin» esguio, roncante, zumbidor, espadana a brancura do solo, e mais longe derrapa, estridulamente, assustando cãesinhos de luxo. Dois cavaleiros saltam, e um riso mêsco, perfeito, cai da boca dum açoitado. Três galgos russos, enfitados e nobres, seguem a marcha ondulante de três estrelas do «écran». Súbito, paragem murmurosa, beija-mão canalha, indolente. O «Monsieur» tem luvas amarelas, gravata branca e olheiras, suspeitíssimas olheiras. As estrelas são doidas por olheiras dessas... Gestos langorosos, cinematográficos. Os galgos lambem as botas espelhantes do «Monsieur». Um saquinho adorável cai e ele dobra-se, e antes de restituí-lo forma um ponto de interrogação. A neve tomba mais débil... Tango de neve.

Mais longe, lá onde não evoluem figurinos e raros passeantes aquecem os músculos, o Bosque é infinitamente mais natural. Apesar do frio, pares enamorados zigzagueiam pelos atalhos e olham, aconchegados, a superfície artificiada das lugões. São, em geral, costureirinhas bonitas e militares gosando a folga. E nem que toda a esplendorosa procissão da grande avenida surgisse agora aqui, eles se envergonhariam de trocar beijos e soltar o riso da juventude amorosa.

Desta cidade, a mais amável e galante das capitais modernas, escrevo aos leitores da «Alma Nova» considerações que julgo de interesse, não pelo valor da minha exposição, mas pelo caráter de atualidade que revestem. É, porém, fantasticamente difícil, para não dizer impossível, facultar num simples artigo, sobretudo a olhos exigentes, as minuciosidades do movimento intelectual desta população artística. As minhas frases são apenas écos.

Falemos de versos. Dum dos meus autores preferidos, Henri de Régnier, saiu há pouco o livro VESTIGIA FLAMMAE, (Edição do Mercure de France), e nele, como nos demais, achei a fina emoção e melancólica frescura de sempre :

«Il est doux de penser à la vie
En buvant
Dans une coupe,
Un beau vin pourpre
D'où monte un chant
Mélancolique, grave, impérieux, ardent,
Comme la vie.....
..... Il est doux de penser à la mort
Entre la vie et l'amour qui penchent
Leur visage sur le miroir qui le reflète
Et qu'enguirlande
Un laurier d'or;
Il est doux de penser à la mort
Lorsque la vie est encore belle
Et lorsque l'amour pose encore
Sur un cœur qui bat haut et fort
Sa double flèche
Aigue et fraîche
A pointe d'or.»

Aqui e além a melodia cresce e embeleza-se de angustia torturada :

«Le Bonheur est un Dieu qui marche les mains vides
Et regarde la Vie avec des yeux baissés...»

Je suis un sablier ou s'écoule du sable
Que n'ont pas recueilli mes doigts...

Et voici maintenant que toute ma sagesse
S'en va comme un manteau déchiré par le vent...

Puis détournez de moi votre tendre visage
Pour que ma solitude ait moins peur de mourir...»

O seu amor é imperiosamente orgulhoso :

«Lorsque vous la verrez, vous saurez que c'est elle
Car la grâce si bien la pare qu'à sa main
La rose qu'elle porte est toujours la plus belle.»

Este livro vale muito e Henri de Régnier é um dos maiores escritores da França. De resto quem o não sabe?

O PRÉMIO GONCOURT

Não pelo seu valor monetário, (5.000 francos), mas pela extraordinária voga que tal coroação acarreta, o Prémio Goncourt é, todos os anos, a ambição dos novos. Enuméro a seguir as obras premiadus desde 1903 :

1903 : *Force Enemie*, de Antoine Nau, 1904 : *La Maternelle*, de Léon Frapié, 1905 : *Les Civilisés*, de Claude Farrère, 1906 : *Dingley*, dos Irmãos Tharaud, 1907 : *Terres Lorraines*, de Moselly, 1908 : *Ecrit sur de l'eau*, de Francis de Miomandre, 1909 : *En France*, de Marin Blond, 1910 : *De Goupil à Margot*, de Louis Pérgaud, 1911 : *Monsieur des Lourdinnes*, de Chateaubriant, 1912 : *Fille de la pluie*, de André Savignon, 1913 : *Le peuple de la mer*, de Marc Elder, 1915 : *Gaspard*, de René Benjamin, 1916 : *Le feu*, de Henri Barbusse, 1917 : *La flamme au poing*, de Henry Malberbe, 1918 : *Civilisation*, de Georges Duhamel, 1919 : *A l'ombre des jeunes filles en pleurs*, de Marcel Proust, 1920 : *Nène*, de Ernest Pérochon.

Publicára-se um livro «Maria Chapdelaine» (admirável narração do Canadá Francês) que teria de certo merecido, além das duzentas edições que conta, a recompensa Goncourt de 1921. Infelizmente, porém, Louis Hémon, o seu autor, não pertence já ao número dos vivos ; foi, como Emile Verhaeren, este morto em pleno renome, esmagado estupidamente por um combóio expresso e bem longe d'aqui, em S. Francisco da Califórnia. Passaram dez anos, e só há mezes «Maria Chapdelaine», essa ingénua e triste historieta d'amor, emoldurando a vida árdua do cultivador canadiano, reeditado a instâncias da irmã de Hémon, achou junto do público e da crítica o acolhimento que êstes lhe deviam. Ao assinalar tal facto, não quero deixar de saudar emocionado a memória de Louis Hémon e de lamentar que a Academia Goncourt não possa coroar obras póstumas.

O prémio de 1921 acaba de ser atribuído a René Maran, pelo seu romance de costumes africanos «Batouala». Entendeu a Academia Goncourt proceder bem, e quer tal opinião seja errónea ou justa, é certo que múltiplas e rendosas edições atingirão o livro, desde agora preso á celebriidade, em que René Maran, negro como a noite, ousada e talentosamente escreveu a apologia da sua raça escura.

BATOUALA, (Edição Albin Michel).

Os romances africanos de Rider Haggard conquistaram em Inglaterra duradoura popularidade. Faltava à França o historiador da alma negra. Hoje, a lacuna preencheu-se, e por seu turno a Academia Goncourt consagrou a aparição. Mais do que Rider Haggard, que levou sempre ao misterioso sertão a temeridade dos exploradores brancos e não incluiu na sua galeria um único volume essencialmente indígena, René Maran, o novo laureado — filho da Martinica e nascido em 1887, — conta-nos uma verdadeira história de pretos, e, justiça lhe seja feita, com tal talento o realiza, que lhe desculpamos a feição de tese do seu prefácio. Na fachada lê-se, sob a rubrica «Batouala» : *verdadeiro romance negro*. Romance não, e o próprio autor o diz : apenas uma sucessão de águas-fortes.

De entrada asseguro que o estilo é pessoal e colorido. O talento, dom fabuloso da Perfeição, abunda neste

pequeno volume. E, no entanto, o enredo é curto, quase inexistente : as aventuras de Batouala, são factos quotidianos (no sertão, bem entendido) e o epílogo delas uma banalidade trágica. Batouala, notável de Banda, aldeia do Dubanghi-Chari, ama, entre suas mulheres, Yassiguindia, e sofre da traição de Bissibingu, seu protegido, espadaúdo mocetão que não se peja de cobiçá-la. Retardando a vingança, que surge aliás contra-producente, pois é Batouala quem perece, o autor compõe discursos de ódio aos brancos que, segundo ele, cheiram a cadáver, e descreve festins negros ruidosos de batuque e bailados inimagináveis. A definição que certo personagem aplica aos portugueses é mais do que injusta, frisa o limite da comparação. As atrocidades dos colonizadores mereceram aos brancos o ódio dos negros. Sabemos, no entanto, que aos nossos compatriotas cabe fama de justiça e moderação, que René Maran parece ignorar.

Destacarei, como primorosos, o capítulo inicial e o final.

L'EPITHALAME, de Jacques Chardonne, (Edição Stock).

No escrutínio final, obtiveram êste livro e «Batouala» cinco votos cada ; (A Academia Goncourt é composta por dez membros). Sendo o voto do presidente de valor duplo, o prémio foi atribuído a «Batouala». A perplexidade do público leitor é mais do que admissível. René Maran ou Jacques Chardonne ? O público talvez se não conforme com o critério dos Goncourt, que recompensaram o alheamento de Maran, que vive na África Equatorial, não perdoando a Chardonne o ser, aliás de escritor de talento, próspero editor.

«L'Epithalame» é uma espessa novela de estilo forte e incisivo, que recomendo aos amadores dos vícios e debilidades sentimentais.

Um rapaz diverte-se a perverter uma rapariga e usa de todos os meios. Porém, uma vez casado, o futuro a dois pouco lhe sorri. A sua mulher é um panorama visto e revisto. Eis pouco mais ou menos, em duas palavras, o que Chardonne faz durar dois volumes. Não lhe perdouria a crítica, se pela obra inteira se não espalhasse uma forma hábil, zebreada de originalidades, nova no aspecto emocional, que leva o leitor á última página sem esforço.

Entrevistado por «Comoedia» Jacques Chardonne declarou que publicará novo romance... dentro de seis ou sete anos. Esperemos.

LA CAVALIÈRE ELSA, de Pierre Mac Orlan, (Edição da Nouvelle Revue).

Num escrutínio anterior mereceu êste romance cinco votos e não comprehendo porque êles se não conservaram até á apuração.

Mac Orlan não debuta, consolida apenas uma reputação. O seu último livro é admirável de intuição dramática, e atravessa-o, como que a atenuar a apavorante obsessão do enredo, um fio de implacável burlesco. «La Cavalière Elsa» é um livro de sangue e crepúsculo. É tambem a obra dum Poeta. A acção é quase cinematográfica (grave defeito), intercalada aqui e ali de paragens evocativas. O fecho é brutal, delirante como um pezadelo d'ópio.

Elsa, moça alemã, vive em Sebastopol, num ano

que ainda não chegou e em pleno regimen comunista. Seu pái, Comissário do Embelezamento, delega nas suas pequenas mãos a tarefa que não sabe cumprir. Elsa, de instintos bárbaros, sexualmente indecorosa, realiza coisas fantásticas. Por seu alto mandato, a grande avenida da cidade acha-se ornamentada a preceito: em cada árvore se balança um cadáver de burguês, vestindo saia de côn e gravata de corda ao pescoço. A turba passeia sob a morte hedionda e o brilho dum sol anémico. Escolhida mais tarde por Dorodjine, como símbolo vivo da alma popular, Elsa acompanha o exército asiático, que invade a velha Europa, rodeada de amigos que lançam aos quatro cantos do mundo o renome do seu corpo flexível e culpado. Cada soldado possui uma fotografia de Elsa vestindo uniforme branco, gorro da mesma côn, avivado por uma estrela vermelha. Os cabelos loiros emolduram um rosto puro, onde, como duas safiras perdidas na neve, os olhos reluzem. Elsa é para êles a lenda fabulosa da Beleza e da Verdade; para Dorodjine, apenas a vitória, que o serve, da atração carnal sobre a amorfa sensibilidade dos simples. O novo A'tila trucida os regimentos da Civilização na fronteira da França e um certo dia de primavera o Sena contempla, horrorizado, a procissão dos Hunos.

Em Paris, onde amolece a sanha dos recem-vindos, organizam-se novos sistemas e divisões do grande sistema. O chefe russo ordena lucentes diversões e estupendas inépcias saem da sua boca. O capítulo que descreve a feira da Concorde é subtilmente cáustico. A turba ingénua comprime-se em redor de pavilhões iluminados, onde, ante assistências urrantes, se exibem os magnates da vitória. Dorodjine grita

como um silvo de máquina e tão alto vai o som que rasga os ouvidos; o comissário francês devora, aos poucos, uma enorme vaca de açúcar, e a cavaleira Elsa — atração sensacional — expõe-se nua a olhos deslumbrados, num círculo de metralhadoras e baionetas. Súbito irrompem aplausos frenéticos. Alguém informa que o francês acabou de engolir a vaca e é levado para casa, apoplético, quase a estoicar. Que formidável ironia a dêste capítulo!

Instalada em Versailles (que vergonha, oh marmores!) e escrava por dias dum ex-pintor que a abandona, Elsa, a loira, afoga-se por fim no oceano do prazer vertiginoso, como prostituta vulgar que nunca deixara de ser, e certa madrugada, em certo «cabaret» de Montmartre, é dilacerada por um antigo companheiro em manifesto estado de embriaguez. Epílogo que o leitor decerto não espera.

Este livro que, como todos os de Mac Orlan, se filiam na arte do romance intenso, atinge por vezes culminâncias. Pena é que o autor, provido dum estilo tão original e saliente, o tenha escrito por impelos, resumindo em certas ocasiões o que poderia contar de modo feliz. Mac Orlan ora escreve aos arrancos ora parece descer rampas de abismo.

Para êstes três volumes é chamada a atenção heterógena do público. «Batouala» será lido dum háusto, «L'Epithalamie» será digerido, «La Cavalière Elsa» não será compreendido pelo maior número, e é realmente pena, porque vale decerto os dois primeiros reunidos. Os iniciados que julguem.

NUNO VALENÇA

(A revista dá todas as informações sobre actividades artísticas parisienses, na RUE DU HELDER, 8 — PARIS).

OS NOSSOS
POETAS

PRESSAGIO

OS
NOVOS

AS andorinhas formam-se na roda
Que em vôos traçam, rente das colinas:
—Eis tombam duas aves peregrinas
A quem a morte quiz tratar da bôda!

A vida, nos teus olhos, morreu tôda!
O luto abraça montes e campinas.
E a espuma, a neve, a gaze das neblinas,
Tomam a côn dum incerteza douda...

Oiço bater de assombro e de tristeza,
Teu coração, ao ritmo desigual
Do coração dum a andorinha presa...

E no olhar, de lágrimas enxuto,
Os teus cílios imensos ficam tal
Um bater de ásas trémulas que escuto!

AMÉRICO DURÃO



Uma causa exequente



Grande bello vinhos



é por aqui



dei una volta ci dentro



e nem sabem em aqui

Not / Têm apenas deus céus - Caramba - aquela
luta de luta

PÁGINA FEMININA

MODAS

AVISADAS pelo calendário, sabemos que estamos na primavera, mas não porque as delícias da linda estação se fizessem já sentir, e cremos mesmo que as próprias andorinhas devem estar um pouco arrependidas de terem precipitado a sua chegada...

Talvez por isso nos custe deixar os hábitos a que um inverno rigoroso nos forçou, e um deles será, por exemplo, o agradável conforto do «chá das 5».

Para este atraente passa-tempo, apresentamos às nossas gentis leitoras um interessante modelo confecionado em crepe «marocain» cor de coral, cuja originalidade está nas mangas, ornamentadas a «singer», vestígios da estação passada que muito bem se combinam com o tempo que atravessamos. A «toilette» é elegante e presta-se admiravelmente para o fim a que a destinamos.

Novidades sobre a primavera, poucas. Esta apresenta-se, por enquanto, reservada e silenciosa.

O BORDADO

AMODA, caprichosa como certas pessoas teimosas, tem às vezes também o seu quê de útil e proveitoso.

Entre várias indústrias nacionais que actualmente se pretendem desenvolver, no que respeita a artes manuais e exclusivamente femininas, podemos ainda mais uma vez afirmar que, sem receio da concorrência estrangeira, o trabalho nacional é ainda o mais aperfeiçoado, se não sempre o mais bonito.

Para os trabalhos de paciência, poutinhos certos e bem feitos, não há como as portuguesas.

Quem melhor do que as nossas avós será capaz de tecer uma rede tão bem feitinha ou mesmo uma clássica passagem tão certinha numa peça de roupa usada?

As americanas nem sabem quase coser; tudo que não seja executado à máquina acham extraordinário, não perdem mesmo o tempo em experiências. As inglesas, quase masculinadas, até mesmo no coser das meias são imperfeitas. Empregam uma linha tão espessa e tão feia que só a ideia de calçar meias por elas passajadas me faz calos imaginários...

E há ainda quem afirme e conteste ser delas o «bordado a branco», o «bordado inglês», como vulgarmente o alcunham certas meninas vaidosas...



Todavia podemos afirmar que a «silhouette» continua esguia, sem deixar por isso de ser graciosa. O comprimento das saias acentua-se cada vez mais, excepto as dos «tailleurs», que se mantêm um pouco curtas.

Para os vestidos «habillés», sempre gentis, dá um aspecto muito primaveril a combinação de tecidos leves com veludo ou «draps» do mesmo tom.

Os cintos de metal «vieillis» ou «jais» e os «panneaux», direitos ou irregulares continuam a ser a grande moda. Nas «toiletries» de grande cerimónia, é requintadamente «chic» o chamado «manteau de cour pailleté» e as rendas «d'argent».

Temos a acrescentar, que, dos chapéus, de variadíssimas formas, distinguem-se, pela sua elegância e distinção, os bicornes e tricornes, predominando sempre o preto ou cores escuas, a contrastar com o berrante das flores. Porém, por agora, é cédo demais para ornamentos tão primaveris e as aplicações de «jais» ou metal, devem satisfazer plenamente as exigências das nossas elegantes.

M. A.

DA MADEIRA

E' quase uma heresia!...

O bordado a branco, seja qual for o seu risco, trabalhado ao bastidor ou simplesmente á mão, não pode deixar de ser português.

Devemos chamar-lhe «bordado da Madeira» ou «bordado da Ilha».

«Atualmente é ele que predomina no adorno das roupas, quer elas sejam de vestuário quer sejam de casa. Depois ele é ainda o mais duradouro, o mais bonito, e, podermos mesmo dizer-lo, o mais «chic». E acima de tudo — é a moda...»

O bordado da ilha deve ser feito com algodão brilhante, porque o torna mais fino e a linha de preferência usada é a da marca D. M. C. francesa. Entre esta devemos sempre escolher a que tiver um tom anilado, pois é isso, à parte a perfeição, o que caracteriza o bordado executado na ilha. Há até quem o passe levemente por papel químico. O risco para o bordado não fica, porém, tão perfeito, se nos utilizarmos deste papel. Empregando a linha bastante anilada, usando o processo acima indicado, deverá o desenho ser passado á transparência com um lápis muito duro e bastante aguçado. Concluindo: o trabalho deve ficar anilado, sem que contudo, o risco venha a perceber-se.

(Continuará)

M. K.

NO PRÓXIMO NÚMERO

O LOUCO AMOR, delicada e impressionante novela, traduzida expressamente para a «Alma Nova» por FIDELINO DE FIGUEIREDO.

SÉ DO FUNCHAL, «a sua fisionomia artística», por Emanuel Ribeiro.

O CASTELO DE SILVES, quadro á espátula de Samóra Barros, com a descrição histórica por Pedro M. Júdice.

A CULTURA FÍSICA, por Alvaro Colaço.

CARTA DE COIMBRA, com letra e desenhos de Nuno Cruz.

CARTA DO MINHO, por Cláudio Basto; do PORTO, por Alvaro de Moraes; de PARIS, por Nuno Valençá; Letras, Artes, Ciencia & Filosofia, Colónias, Sports, Modas, Teatros, Actualidades, etc.

· CAPA DE SAMÓRA BARROS ·

BREVEMENTE:

BARBAS NACIONAIS, curioso estudo de etnografia artística, por J. Leite de Vasconcelos, com ilustrações de Francisco Valençá; O APITO E O ASSOBIO, pelo Dr. A. L., também curiosamente ilustrado, e O ALGARVE INTELECTUAL E ECONÔMICO, por algumas das mais competentes figuras algarvias.

ACABA DE APARECER:

“SANGUE D'EPopeia”

A ARTILHARIA PORTUGUESA

NA FLANDRES

POR

MATEUS MORENO

Edição muito ilustrada e com prefácio do Comandante Geral da Artilharia do C. E. P. e do Comandante do grupo que fez a Arrancada da Vitoria.

Preço 3\$00

A venda em todas as livrarias

Pedidos, acompanhados da
importância à depositária:

“RESSURGIMENTO ED.” C. de João do Rio, 8, 1.º - LISBOA

Manuel dos Santos Grilo

Fabricante de Lanifícios

COVILHÃ

• • • • • • • • • • • • • •
 • TODOS OS QUE PREZAM •
 • • • • • • • • • • • •
 • A ECONOMIA •
 • • • • • • • • • • •
 • NÃO DEVEM COMPRAR •
 • • • • • • • • • • •
 • FAZENDAS DE LÃ •
 • • • • • • • • • • •
 • SEM PRIMEIRO •
 • • • • • • • • • • •
 • CONFRONTAREM OS •
 • • • • • • • • • • •
 • PREÇOS D'ESTA CASA •
 • • • • • • • • • • •
 • • • • • • • • • • •

ENVIAM-SE AMOSTRAS PARA TODO
O

PAÍS E COLÔNIAS



SOCIEDADE
PORTUGUEZA
DE CONSTRUÇÕES
E DECORAÇÕES L.^{DA}

♥ ✕ ♥
R. NOVA do CARMO
43-2º TEL. 1107-C.

VASCO DE MORAES PALMEIRO (REGALEIRA)
(ARQUITETO) L. S. A.

PROJECTOS COMPLECTOS DE CASAS DE HABITAÇÃO.

DE EDIFÍCIOS PARA HOTEIS, CASINOS, ETC.

BOM GOSTO E CONFORTO

DECORAÇÕES INTERIORES

TRANSFORMAÇÕES DE ESTABELECIMENTOS
COMERCIAIS E INDUSTRIAS

TODO O GÉNERO DE CONSTRUÇÃO E DECORAÇÃO

AVALIAÇÕES DE PROPRIEDADES

TRABALHOS DE TOPOGRAFIA